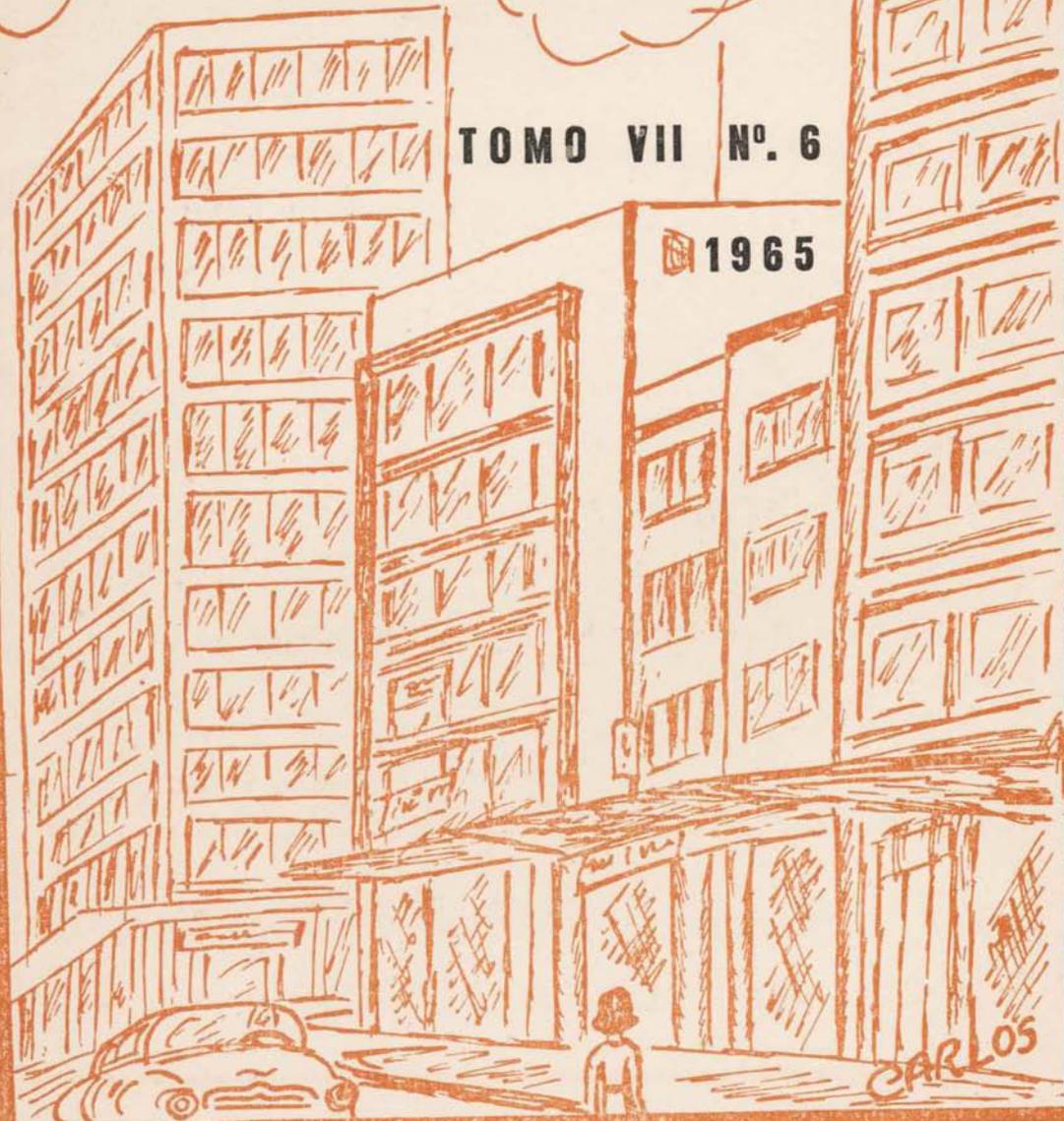


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII Nº. 6

1965

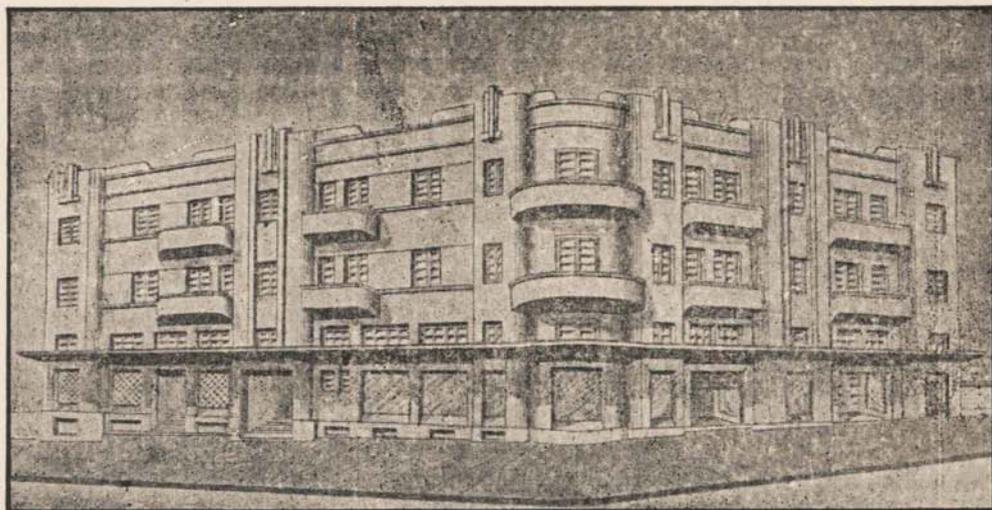


COMPANHIA
CATARINENSE
DE
SEGUROS  **GERAIS**

RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 18 - 1.º ANDAR

CAIXA POSTAL, 184 - TELEGRAMAS: «MUTUA»

BLUMENAU - SANTA CATARINA



A mais antiga Seguradora Catarinense

- FUNDADA EM 1938 -

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VII



N.º. 6

O PRIMEIRO CAPÍTULO DA HISTÓRIA DE JOINVILLE

O Príncipe de Joinville, François d'Orléans, filho do Rei Louis Philipe da França, casara-se com a Sereníssima Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II, Imperador do Brasil, a 1.º de maio de 1843, no Palácio de São Christóvão, no Rio de Janeiro.

Aos 14 de maio, entre salvas de artilharia, as belonaves francêsas partiam da Guanabara, levando o Príncipe e a Princesa que nunca mais voltariam ao Brasil.

Como parte do dote nupcial, receberam grande extensão de terras na então Província de Santa Catarina. Estas terras foram escolhidas, em 1844, pelo procurador do Príncipe, o Vice-Cônsul da França, Sr. Léonce Aubé. Nos anos de 1845-1846 procedeu-se à medição e demarcação de 25 léguas quadradas, que foram anexadas à Comarca de São Francisco do Sul.

Da Revolução que eclodira na França em 1848, resultou a queda do rei Louis Philipe, indo o Príncipe de Joinville refugiar-se, com sua família na Inglaterra.

Exilado e sem meios, o Príncipe ofereceu parte de suas terras no Brasil ao Senador Christian Matthias Schroeder, destacado comerciante e armador de Hamburgo, que possuía relações comerciais com o nosso país.

Foi firmado um contrato, em maio de 1849, através do qual 8 léguas quadradas seriam cedidas contra encargos assumidos pelo próprio Senador ou por uma sociedade a ser fundada: dentro de 5 anos deveriam ser fixados 1.500 colonos; manutenção de um religioso protestante e outro católico; acomodação e sustento dos imigrantes durante dois anos; construção de escolas, igrejas etc.

No mesmo ano de 1849, o Senador Schroeder fundou uma empresa por ações, chamada "Colonisations-Verein von 1849 in Hamburg", (Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo).

O primeiro passo dado por essa iniciativa foi enviar um engenheiro ao Rio de Janeiro para a obtenção de numerosos privilégios (isenção de taxas aduaneiras, isenção de impostos, proibição de negociatas com escravos, etc.) que foram concedidos conforme o Decreto Imperial de 15 de maio de 1850.

O engenheiro Herrmann Guenther e o Procurador do Príncipe de Joinville, Sr. Léonce Aubé, acompanhados de duas famílias de colonos, e um cozinheiro, Monsieur Duvoisin, seguiram num patacho nacional a véla, ao pôrto de São Francisco, alcançando a região destinada à futura Colônia, em 22 de maio de 1850.

Os pioneiros da Colônia Dona Francisca, como o empreendimento foi denominado já em Hamburgo, afastaram-se das lodosas margens do Rio Cachoeira e construíram junto ao ribeirão, chamado por êles «Matthias-Bach» ou «Ribeirão Matías», dois ranchos amplos que deveriam receber os primeiros imigrantes. Outrossim derrubaram a floresta, fizeram picadas e cuidaram das primeiras plantações.

Em Hamburgo, a Sociedade Colonizadora desenvolvia uma campanha de propagação para a nova Colônia e no dia 4 de janeiro de 1851, partia daquele pôrto hanseático o primeiro barco de imigrantes o «Colon», que chegou a 6 de março do mesmo ano ao pôrto de São Francisco, sendo a âncora lançada no dia 8, na entrada da Lagoa Saguaçu.

Logo em seguida e no mesmo dia, os imigrantes foram levados em direção à Colônia, em canoas, por escravos do Cel. Francisco de Oliveira Camacho, Comandante Militar dos Milicianos em São Francisco do Sul.

No dia seguinte, 9 de março, o desembarque das 118 pessoas - homens, mulheres e crianças estava concluído. Ao mesmo tempo duas embarcações costeiras trouxeram 74 noruegueses do Rio de Janeiro. Dêstes, 61 resolveram ficar na Colônia e os restantes voltaram no próprio «Colon».

A «Colônia Dona Francisca» - futura cidade de Joinville - estava dando início à sua vida.

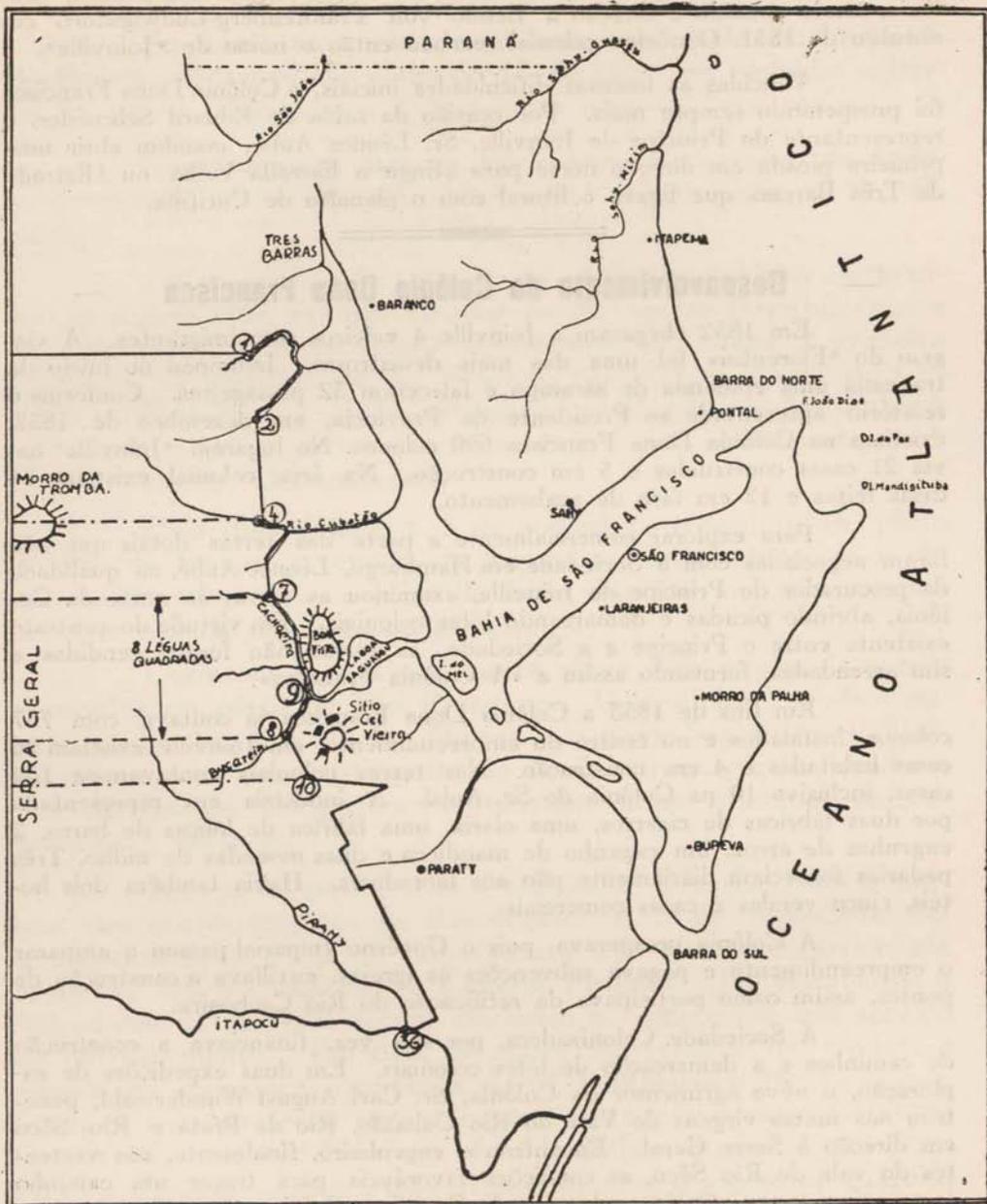
O pequeno núcleo, localizado junto ao Ribeirão Matías, recebera o nome de «Schroedersort» (Lugarejo do Schroeder) em homenagem ao velho Senador em Hamburgo. O primeiro diretor da Colônia era o próprio filho do fundador da Sociedade, Eduard Schroeder.

Tempos incrivelmente difíceis vieram para a pequena Colônia, ainda mais, que já em julho chegava outro barco, o «Emma & Louise», e, em setembro, o brigue «Gloriosa»; não havia acomodações suficientes e os alimentos foram escasseando.

Vieram as doenças - não havia hospital, nem médico com conhecimento de doenças tropicais, nem quem os consolasse espiritualmente - saudades da terra distante - desespero!

Os mortos eram enterrados no fim da clareira, junto ao ribeirão (onde hoje se encontra a esquina da Rua 9 de Março e Rua Dr. João Colin). Uma cruz - e uma data anotada na lista de imigrantes, controlada por Schroeder e Aubé - somente estes fatos dão notícia das imensas tragédias ocorridas nesse primeiro ano de colonização.

Em dezembro de 1851 chegou o último barco do primeiro ano, o «Neptun», perfazendo o número da população da Colônia um total de 389 almas. Nesse mesmo ano houve 7 casamentos e um nascimento. Os elementos que mais avultaram foram de nacionalidade suíça; em segundo lugar os alemães e os restantes noruegueses. Existiam já 62 casas rústicas, uma olaria, uma padaria, e tratava-se de estabelecer uma fábrica de vinagre.



8 léguas quadradas cedidas à Sociedade Colonizadora.

- 1849 -

Após 20 meses de permanência, Eduard Schroeder deixou a Colônia, tendo passado a direção a Benno von Frankenberg-Ludwigsdorf, em outubro de 1851. O núcleo colonial recebeu então o nome de «Joinville».

Vencidas as imensas dificuldades iniciais, a Colônia Dona Francisca foi prosperando sempre mais. Por ocasião da saída de Eduard Schroeder, o representante do Príncipe de Joinville, Sr. Léonce Aubé, mandou abrir uma primeira picada em direção norte para atingir a Estrada Velha ou «Estrada de Três Barras» que ligava o litoral com o planalto de Curitiba.

— Desenvolvimento da Colônia Dona Francisca —

Em 1852 chegaram a Joinville 4 veleiros com imigrantes. A viagem do «Florentin» foi uma das mais desastrosas. Irrompeu no início da travessia uma epidemia de sarampo e faleceram 32 passageiros. Conforme o relatório apresentado ao Presidente da Província, em dezembro de 1852, existiam na Colônia Dona Francisca 690 colonos. No lugarejo «Joinville» havia 21 casas construídas e 5 em construção. Na área colonial existiam 84 casas feitas e 12 em fase de acabamento.

Para explorar comercialmente a parte das terras dotais que não foram negociadas com a Sociedade em Hamburgo, Léonce Aubé, na qualidade de procurador do Príncipe de Joinville, examinou as terras ao norte da Colônia, abrindo picadas e demarcando lotes coloniais. Em virtude do contrato existente entre o Príncipe e a Sociedade, as terras não foram vendidas e sim arrendadas, formando assim a «A Colônia Francêsa».

Em fins de 1853 a Colônia Dona Francisca já contava com 757 colonos instalados e no centro do empreendimento, em Joinville, existiam 26 casas habitadas e 4 em construção. Nas terras coloniais contavam-se 134 casas, inclusive 10 na Colônia do Sr. Aubé. A indústria era representada por duas fábricas de cigarros, uma olaria, uma fábrica de louças de barro, 2 engenhos de arroz, um engenho de mandioca e duas moendas de milho. Três padarias forneciam diariamente pão aos moradores. Havia também dois hotéis, cinco vendas e casas comerciais.

A Colônia prosperava, pois o Governo Imperial passou a amparar o empreendimento e pagava subvenções às igrejas, auxiliava a construção de pontes, assim como participava da retificação do Rio Cachoeira.

A Sociedade Colonizadora, por sua vez, financiava a construção de caminhos e a demarcação de lotes coloniais. Em duas expedições de exploração, o nôvo agrimensor da Colônia, Sr. Carl August Wunderwald, penetrou nas matas virgens do Vale do Rio Cubatão, Rio da Prata e Rio Sêco em direção à Serra Geral. Encontrou o engenheiro, finalmente, nas vertentes do vale do Rio Sêco, as condições favoráveis para traçar um caminho serra acima, para atingir o planalto de Curitiba. Iniciou-se, assim, a construção da «Estrada da Serra», obra monumental, que durante mais de meio século preocuparia a Direção da Colônia pelos seus obstáculos naturais, vencendo em serpentinas as encostas da Serra do Mar. A iniciativa particular, já em 1858 passou a ser um empreendimento do Governo Imperial, ficando a organização técnica e financeira a cargo do Ministério de Agricultura, na Côrte.

A picada aberta por Aubé em direção à Estrada de Três Barras, serviu por muitos anos como via de abastecimento da Colônia com gado do planalto; não era porém carroçável.

No ano de 1854 chegava a Joinville o professor de primeiras letras, Sr. Carlos Othon Schlappal, enviado pelo Presidente da Província, a pedido de Aubé.

Os acontecimentos provocados pela rivalidade dos dois empreendimentos coloniais, precipitaram a renúncia do Diretor da Colônia, Sr. Benno von Frankenberg-Ludwigsdorf. O último relatório de Frankenberg data de 30 de dezembro de 1854, acusando 39 casas habitadas em Joinville e mais 160 na área colonial. Contava a Dona Francisca com 1.194 habitantes. Farinha de mandioca, arroz e milho eram os produtos que mais contribuíram no desenvolvimento agrícola e comercial. 74 colonos receberam o seu título de naturalização, um dos fatores mais importantes para a vida política e administrativa da Colônia.

O ano de 1855 foi decisivo para a crescente Colônia, em virtude da situação financeira desfavorável da Sociedade em Hamburgo. Os acionistas recusaram-se a fazer novos investimentos. Ficou a Colônia sem diretor efetivo e apenas sob contróle de dois interventores, Srs. Hartung e Pabst. O Sr. Léonce Aubé, atendendo o chamado de S.A.R., o Príncipe de Joinville, embarcou para a Europa, voltando somente em fevereiro de 1856.

Em junho, foi eleito pela Câmara Municipal de São Francisco, o primeiro Juiz de Paz de Joinville, Sr. Dr. Adolpho Haltenhoff.

No mesmo mês e ano, o Governo Imperial ratificou novo contrato com a Sociedade Colonizadora, contribuindo com 30\$000 para cada colono instalado. Comprometia-se o Governo a pagar as pontes sobre rios, financiar as igrejas (católicas ou protestantes) e pagar honorários a sacerdotes das duas confissões, e um professor de primeiras letras. O contrato estipulava a instalação de 2.250 colonos em três anos.

Recebeu a Colônia Dona Francisca um impulso decisivo com as condições estipuladas neste contrato.

Fundaram-se, em 1855, as primeiras sociedades em Joinville, ora de cunho recreativo, ora esportivo ou cultural. A 29 de abril formou-se o «Cultur-Verein» (Sociedade Cultural) e no mesmo ano, a 26 de dezembro, foi fundada a «Sociedade dos atiradores de Joinville.» A 29 de dezembro instalou-se a primeira Loja Maçônica, sob o nome «Loja da Amizade sob o Cruzeiro do Sul». Exerceu a Loja Maçônica de Joinville seus fins filantrópicos durante 77 anos, até 1937, quando, por Lei, encerrou as suas atividades.

Um dos primeiros viajantes que visitou a Colônia Dona Francisca e relatou as suas impressões em forma de livro, foi o Rev. metodista James C. Fletcher, que esteve no Brasil entre 1851 e 1856. No seu livro «Brazil and the Brazilians» (Philadelphia 1857), o autor narra em forma humorística, o que viu na Colônia, por ocasião da sua missão em junho de 1855 (tradução: «Pinheirais e Marinhas», Editora Cultrex, S. Paulo, 1959.)

A situação financeira da Sociedade agravou-se em fins de 1855. O capital tinha-se esgotado nestes 5 anos, com pagamentos adiantados de pas-

sagens para imigrantes, empréstimos a colonos, ordenados e subvenções, com as instalações na Colônia, construções de casas e ranchos, caminhos e estradas. As subvenções do Governo Imperial ainda não estavam disponíveis.

Veio a salvação por intermédio do Príncipe de Joinville, que viu o progresso das suas vastas áreas e terras dotais no desenvolvimento econômico da Colônia. Assim, o Príncipe adquiriu, em nome de Aubé, 800 ações nominais da Sociedade Colonizadora, mediante o pagamento de 100 000 táleres e a cessão de mais 30.000 morgos de terras.

A 23 de novembro de 1855, assumia o cargo de Diretor da Colônia Dona Francisca, o Sr. Léonce Aubé.

O relatório anual relativo a 1855 acusa uma diminuição sensível no número de habitantes. Apesar da entrada de 282 colonos, houve uma redução, existindo 901 pessoas, contra 1.194 no comêço do ano.

Deve-se o decréscimo ao fato de nesses 12 meses abandonarem a Colônia mais de 280 imigrantes, que foram procurar no planalto de Curitiba um clima mais favorável e melhores condições de vida.

Representava o Sr. Léonce Aubé, em 1856, os interesses da Sociedade Colonizadora, como seu Diretor, e os interesses do Príncipe de Joinville e do Duque d'Aumale, como seu bastante procurador.

O Duque d'Aumale, irmão do Príncipe de Joinville e casado com Marie-Caroline de Bourbon da Sicília, contava com recursos mais avultados. Acreditamos que os 100.000 táleres para a aquisição das 800 ações da Sociedade Colonizadora pelo Príncipe de Joinville provinham do Duque d'Aumale, que recebeu em compensação uma vasta área das terras dotais ao norte do Rio Cubatão, formando a «*Domaine Pirabeiraba*». As propriedades do Príncipe de Joinville denominaram-se «*Domaine Dona Francisca*».

Começou, pois, sob os melhores auspícios, o período administrativo de Aubé. Os dois empreendimentos coloniais, agora reunidos sob direção e orientação central, desenvolveram-se sem rivalidade prejudicial aos interesses recíprocos.

Com justo orgulho, Léonce Aubé apresentava ao Presidente da Província o Relatório de 1856. Entraram na Colônia em 5 veleiros da Europa, 474 imigrantes, nasceram 54 e faleceram 41. O número total é de 1.428 colonos.

O dia 8 de fevereiro de 1857 foi data marcante na história da Colônia com a visita do Exmo. Sr. Presidente da Província, Sr. João José Coutinho.

A 1.º de junho, dia feriado e festa do Espírito Santo, programaram-se as festividades do lançamento da pedra fundamental da casa de oração protestante, e, a 9 de novembro, veio, contratado pela Sociedade em Hamburgo, o primeiro vigário da colônia, Rev. Carlos Boegershausen.

A 7 de dezembro, os «Representantes dos Proprietários da Colônia» dirigiram um ofício ao Presidente da Província, pedindo que a povoação fôsse elevada à categoria de «*Villa*», considerando o número de 120 colonos naturalizados, para formar uma «*Câmara Municipal*».

Em princípios de 1858, surgiu outro problema mais grave: novas levas

de imigrantes entravam, trazendo para a Colônia a soma de suas necessidades imediatas. A 13 de janeiro aportava o «Emma» com 241 passageiros; a 27 de junho o veleiro «Wiedemann» com 107 colonos, e a 27 de setembro naufragou espetacularmente a barca «Francisca» na entrada da barra de S. Francisco, encalhando no banco de areia Sumidouro, perdendo-se tôda a carga e bagagem dos imigrantes. Em fins de julho, o Govêrno Imperial enviou mais 143 colonos do Rio de Janeiro. Não havia mais lugar para acomodação de tantos imigrantes.

Em julho do mesmo ano, a Direção da Colônia instalou o primeiro hospital sob orientação do médico Dr. Wiegand Engelke. Tinha êste «Hospital da Direção» 6 camas para doentes e a morada do enfermeiro.

Outro assunto que merece observação na história da Colônia e que teve influência na formação moral e cultural dos colonos, é a fundação da Sociedade «Harmonie», a 31 de maio. Foi assim que nasceu a «Harmonie-Gesellschaft», que, a 28 de outubro de 1921, portanto 63 anos depois, se unia à Sociedade Musical Lyra, para então, formar a associação «Harmonie-Lyra».

Já em 1856 fundou-se uma Sociedade de Cantores entre elementos suíços da Colônia, chamada «Gesang-Verein Helvetia». Dois anos depois fundou-se o «Saengerbund» ou «Associação de Cantores». A partir de 1868 as duas sociedades resolveram fundir-se. No mesmo ano fundou-se outra sociedade puramente beneficente, sob o nome: Kranken-und Sterbe-Kassen-Verein «Zur Bruederlichkeit». Com pequenas contribuições mensais, os associados instituíram uma espécie de seguro contra enfermidades e subvenções em caso de falecimento. O tratamento médico era gratuito.

Mais uma sociedade fundou-se em 1858. Foi a «Sociedade Ginástica de Joinville».

A descrição mais realística e minuciosa da Colônia Dona Francisca, em 1858, devemos ao médico Dr. Robert Avé-Lallemant na sua obra «Reise durch Sued-Brasilien», Leipzig 1859. (Tradução: «Viagem pelo Sul do Brasil», Inst. Nac. do Livro, 1953).

Em 1859, as promissoras perspectivas encontraram sério contragolpe no decreto denominado «Von der Heydt» ou «Rescrito de Heydt», promulgado em novembro de 1859 na própria Alemanha, dificultando a imigração para o Brasil e proibindo na Prússia as atividades de Agentes de Colonização.

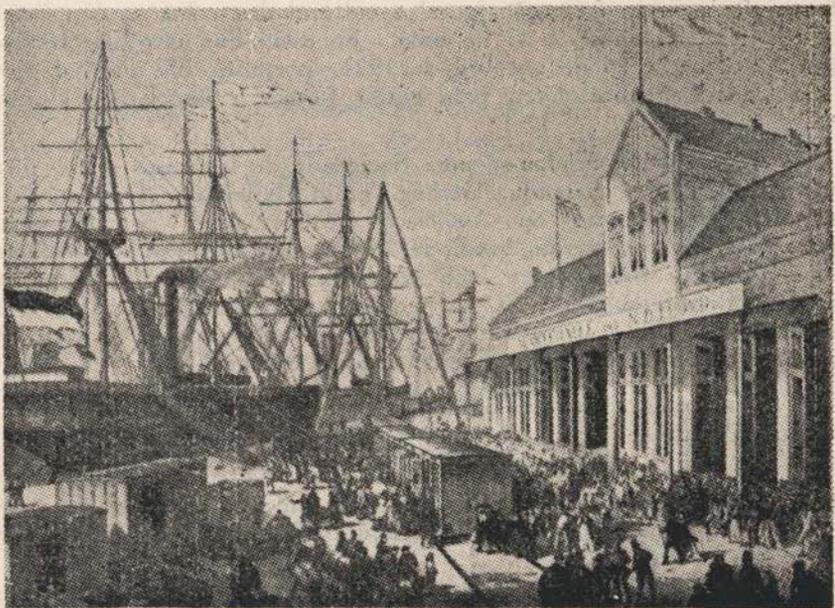
Sofreu a imigração, em conseqüência, uma redução sensível, ficando a Sociedade Colonizadora seriamente prejudicada com relação ao Contrato com o Govêrno Imperial quanto ao número de colonos introduzidos na Colônia.

Desde 21 de outubro, a presidência da Província estava ao cargo do Sr. Araujo Brusque. Motivado pelas desavenças políticas internas, faltou o zêlo e a atenção dispensada pelo Presidente anterior, Sr. João José Coutinho, para com os problemas da Colônia.

Começaram as calamidades do tornecimento irregular das verbas pela tesouraria da Província e, em virtude da constante falta de dinheiro, Léonce Aubé pediu a sua demissão. Liquidando os seus negócios na Colô-

de imigrantes alemães para a Colômbia e outros países da América Latina. A 15 de março de 1855, o navio alemão "Waldemar" com 107 passageiros e 12 tripulantes chegou ao porto de Santos, sendo recebido por uma comissão de autoridades locais. Os passageiros foram alojados em hotéis e restaurantes locais, e alguns foram encaminhados para o Brasil. Este foi o primeiro navio alemão a trazer imigrantes para o Brasil. Em 1855, o Brasil recebeu 107 imigrantes alemães, sendo 100 homens e 7 mulheres. Não havia mais navios alemães chegando ao Brasil naquele ano.

Em 1855, o Brasil recebeu 107 imigrantes alemães, sendo 100 homens e 7 mulheres. Não havia mais navios alemães chegando ao Brasil naquele ano.



Embarque de imigrantes em Hamburgo, 1855.

Em 1855, o Brasil recebeu 107 imigrantes alemães, sendo 100 homens e 7 mulheres. Não havia mais navios alemães chegando ao Brasil naquele ano.

Em 1855, o Brasil recebeu 107 imigrantes alemães, sendo 100 homens e 7 mulheres. Não havia mais navios alemães chegando ao Brasil naquele ano.

nia, Aubé partiu em fins de 1861, depois da chegada do nôvo Diretor da Colônia, Sr. Johann Otto Louis Niemeyer, em setembro de 1860.

Em substituição de Léonce Aubé, o Príncipe de Joinville e o Duque d'Aumale enviaram um representante da casa Orléans na pessoa do Sr. Emile Mathorel, com instruções detalhadas para a formação definitiva do «Domaine Pirabeiraba» e do «Domaine Dona Francisca».

Em fins de 1859, a Colônia acusava uma população de 2.475 almas.

Elevou-se, em 1860, a população para 2.885 pessoas. Com a renúncia de Léonce Aubé, a administração ficou novamente sub-dividida em dois setores administrativos, sob a orientação do Sr. Louis Niemeyer como Diretor da Sociedade Colonizadora, e o Sr. Emile Mathorel, como representante do Príncipe de Joinville e do Duque d'Aumale. Independentemente da Colônia Dona Francisca, Mathorel iniciava a exploração comercial dos dois empreendimentos da «Casa Orléans». As instalações primitivas da «Serraria do Príncipe» foram ampliadas e uma produção crescente da serraria destinava-se à exportação.

Ao mesmo tempo nas terras do Duque d'Aumale, Mathorel iniciou a plantação de cana de açúcar para a fabricação de cachaça. Já em junho de 1863, a «Fazenda do Cortume» como era chamada inicialmente a Fazenda Pirabeiraba, produzia 120 pipas de aguardente por ano, sendo o feitor da usina o Sr. Emil Stein. No mesmo ano é contratado o Sr. Friedrich Lange para dirigir a Serraria do Príncipe.

Em fevereiro de 1861, Joinville teve a visita de um sábio suíço, geógrafo e profundo conhecedor das ciências naturais. Johann Jacob von Tschudi era embaixador da Suíça, realizando em 1860 a sua terceira viagem à América do Sul. Em missão especial visitava as colônias no Brasil, informando-se sobre o melhor sistema de colonização. Na sua obra de 5 volumes, editada em Leipzig (Brockhaus 1866-1869) «Reisen durch Sued-Amerika», Tschudi dedicou um capítulo à Colônia Dona Francisca.

Em fins de 1861, a Colônia teve uma população de 3 050 almas. Existiam 689 casas habitadas, assim como 134 casas no perímetro urbano de Joinville. A importação de alimentos foi diminuta, limitando-se a carne sêca e farinha. A exportação de madeira de lei proporcionou um lucro de 20 contos de reis. Assim a Colônia Dona Francisca, 10 anos após a sua instalação, apresentava um aspecto promissor e, desde a chegada do «Colon» em 1851, já haviam entrado 42 navios com mais de 4,460 passageiros.

Em 1863 foram feitas as primeiras explorações e excursões em direção sul, para encontrar a melhor comunicação com o Rio Itapocu; abriram-se picadas no vale do Rio Testo, Benedito e Cedro, em direção a Blumenau.

A 3 de janeiro de 1863, entrou em circulação definitiva o «Colonie-Zeitung»; já uns dias antes, a 20 de dezembro, foi lançado o primeiro número experimental da imprensa joinvillense.

Em fins de 1863, a população elevou-se a 4.120 pessoas, com a vinda de 4 navios da Europa. Nasceram nesse ano 182 e faleceram 81. Distribuíram-se na zona rural 1.443 lotes coloniais. A extensão das vias de comunicação na Colônia já atingia a 156 quilômetros.

Vencia em 1864 o contrato firmado entre a Sociedade Coloniza-

dora e o Govêrno Imperial, de 1.º de julho de 1859. Dependia do nôvo contrato, com as subvenções da Côrte, a sorte da Colônia Dona Francisca e o seu desenvolvimento. Nos últimos dias do ano, o Agente da Cia. Colonizadora no Rio de Janeiro conseguiu a prorrogação do contrato. Nesse ano, a 7 de agôsto, foi inaugurada, com grandes festejos populares, a casa de oração protestante. E, a 29 de dezembro, lançou-se a Pedra Fundamental do nôvo prédio da Loja Maçônica, próximo à igreja católica, apesar do protesto do Rev. Padre Carlos Boegershausen.

Em princípios de 1865 a imprensa do país trouxe com destaques os acontecimentos do Rio da Prata, e em fevereiro, o Sub-delegado de Joinville, Sr. A. Haltenhoff, dirigiu um apêlo ardente aos cidadãos da Colônia para se alistarem nas fileiras dos Voluntários da Pátria, nôvo contingente criado por Decreto Imperial de 7 de janeiro. Prometia-se, de acôrdo com o Edital pregado nas portas das igrejas, um aumento do sôlido de 300 réis por dia e 300 mil réis de gratificação e mais a doação de 22.500 braças quadradas de terras coloniais nas colônias militares existentes no país.

Nesse mesmo ano, pediu a sua demissão o representante do Príncipe de Joinville e do Duque d'Aumale, Sr. Emile Mathorel.

Chegou em maio, em São Francisco do Sul, a maquinaria para a usina e destilaria da Fazenda Pirabeiraba. Acorreu o povo de Joinville, quando a caldeira enorme, de 4 toneladas, foi transportada em carroças especiais pelas rua da «Villa».

A igreja católica, pronta e terminada desde 1864, recebeu em forma de doação de S.A.R. o Príncipe de Joinville, um belo harmônio, vindo de Paris. Inaugurou-se a igreja sômente em 1867.

Pela primeira vez, um cidadão joinvillense é eleito presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Sul. O Sr. Georg Adolf Otto Niemeyer, irmão do Diretor da Colônia, assumiu o cargo em agôsto de 1865.

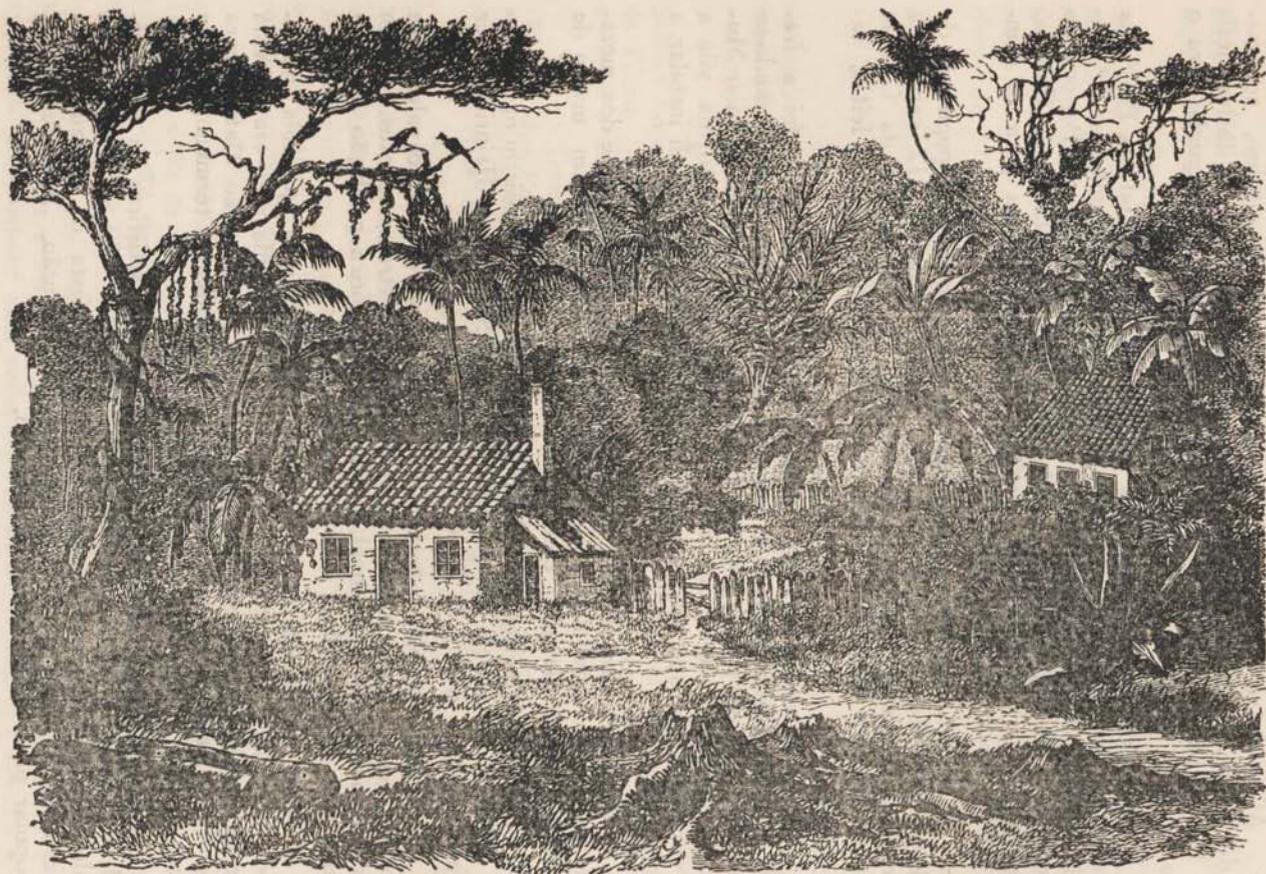
Chegou em São Francisco do Sul, a 23 de junho, o nôvo representante do Príncipe de Joinville e do Duque d'Aumale, Sr. Frédéric Bruestlein, natural da Alsácia, ficando o seu nome ligado à história de Joinville.

Já no dia seguinte, Bruestlein começou com as instalações e montagem da maquinaria para a usina de Pirabeiraba, auxiliado por técnico francês.

Firmou-se a 1.º de maio de 1865 o nôvo contrato com o Govêrno Imperial, que estabelecia a introdução de 1.000 colonos por ano e uma subvenção de 60 contos de réis, além da verba de 5 contos de réis para a construção da «Estrada da Serra», empreendimento mais importante da Colônia.

A guerra do Paraguai, porém, paralizou as obras durante meses, pela falta de dinheiro. Sendo o trabalho nas obras da estrada a principal fonte de renda para muitos colonos recém-chegados, êstes perderam o emprêgo com a paralização do serviço.

O dia 31 de maio de 1865, é de real importância para a história da Estrada da Serra, pois chegou, às três horas da tarde, na vila de Joinville, o primeiro grupo de viajantes a cavalo, com uma tropa de bêstas conduzindo erva-mate e voltando no dia seguinte com a carga de couro curtido na indústria do Sr. Jacob Richlin.



Colonisten-Wohnungen auf Dona Francisca.

As primeiras casas de colonos na Colônia Dona Francisca 1857

(Xilogravura de Krestschmer)

Em setembro comunicava-se pelo «Colonie-Zeitung» a convocação de Voluntários da Pátria para formar um contingente de colonos alemães, autorizado pelo Presidente da Província.

Alistaram-se 23 colonos, que seguiram a 29 de outubro, acompanhados de grande massa popular, em formação com o Alferes Wilhelm Hoffmann à frente, para o pórtico de Joinville, embarcando em seguida para o Destêrro.

Encontraram os Voluntários de Joinville na Capital da Província os componentes de Blumenau e Brusque. Formavam os alemães o 9.º Batalhão da 9.ª Brigada de Infantaria, composto de 87 elementos. Por ocasião do juramento, 3 Voluntários de Joinville desistiram e voltaram à Colônia. Alistou-se mais um joinvillense no Destêrro. Seguiram assim para os campos de batalha 21 colonos da Dona Francisca.

A relação estatística para o ano de 1865, acusa uma população de 4.275 almas na Colônia. Existiam na zona rural 25 arados, 112 carros de quatro rodas, 827 vacas leiteiras e 400 cavalos. A exportação da Colônia constava de madeira de lei (33 Contos de réis), seguindo roupas feitas, tabaco e manteiga.

A 15 de março de 1866, pela lei Provincial N.º 566, foi a freguesia de São Francisco Xavier de Joinville elevada a vila, desmembrando-se do Município de São Francisco. No artigo 3.º da dita Lei, que criava o Município de Joinville, constava um item que obrigava a população da vila a mandar construir, por sua conta, um prédio «de material», para alí instalar a Câmara Municipal.

Encontrou êsse item a mais tenaz resistência por parte dos moradores do privilegiado nôvo Município de Joinville. Sòmente em março de 1868 concretizou-se a elevação efetiva.

Um dos primeiros atos do Govêrno, em 1867, consistiu na criação de uma Agência do Correio em Joinville, sendo o Sr. Johann Heinrich Auler o primeiro agente, a partir de 3 de janeiro.

Na pequena vila, o trátego de veículos, carroças e cavalos, nas ruas centrais, tomou vulto e houve diversos casos de atropelamentos. Assim a «Vertreterschaft», órgão comunal, determinou categórica proibição de trafegar pelas ruas de Joinville... «em galope».

Nessa mesma época verificou-se na Colônia uma epidemia de intoxicação intestinal. Acontece que Joinville de 1867 ainda não era servida por rêde de água; os moradores utilizavam a água do Ribeirão Matias, para beber, cozinhar e lavar roupa. Pelas posturas, proibiu-se terminantemente a descarga de lixo e detritos no «Mathiasbach».

Em novembro ficaram terminadas as obras artísticas da igreja católica, destacando-se o altar-mor, de belo acabamento. Um sino de bronze, doação do Govêrno Imperial, chegou dias antes da festa de inauguração, a 8 de dezembro de 1867, num domingo, dia da Ascensão. Acorreu grande massa popular para festejar o acontecimento.

A 7 e 8 de setembro de 1868, efetuaram-se as eleições para Juizes de Paz e Conselheiros Municipais. Êsse primeiro pleito joinvillense realizou-se na igreja católica, com a presença de 178 eleitores dos 232 vota-

dos. Venceu, com grande maioria, o partido liberal, que elegeu cinco dos sete vereadores e três dos quatro Juizes de Paz. Começou, com êsse pleito, pròpriamente a vida política de Joinville.

Vieram em 1868 para a Colônia, 498 imigrantes, em 6 navios da Europa. A população da Dona Francisca atingia então 5237 pessoas, formando 1072 famílias.

Empossada em sessão extraordinária, aos 13 de janeiro de 1869, constituiu-se a primeira Câmara Municipal de Joinville, sendo eleito presidente o Sr. Adolph Haltenhoff. O primeiro despacho da Nova Câmara Municipal referiu-se ao officio do Palácio do Govêrno, assinado por Carlos Augusto Ferraz de Abreu, determinando que - «deverá essa Câmara propor execução provisória às posturas que julgar melhor e mais convenientes aos interesses do Município».

Outra resolução tratava da substituição do «actual systema de pesos e medidas pelo nôvo systema metrico francez».

Em fins de 1869, a Colônia acusava uma população de 6185 almas.

Em vista da absoluta necessidade de abastecer a vila de Joinville de água potável, formou-se uma comissão e, a 30 de janeiro de 1870, a Câmara Municipal ofereceu uma subvenção de 200\$000, autorizando a comissão a angariar igual importância em forma de subscrição pública.

Em março noticiava o «Colonie-Zeitung» a morte de Francisco Solano López e o possível fim da Guerra do Paraguai. Dos 21 Voluntários da Pátria, que seguiram viagem, em 1865, pereceram em combates e por doenças e afogamento 9 elementos de Joinville.

Terminou, em 1870, a construção da «maison de Joinville» ou «Palácio dos Príncipes» como é chamado hoje. Iniciada a construção em 1867, conforme desenhos do Sr. Bruestlein, destinava-se o prédio para a «Casa de Administração do Domaine Dona Francisca».

Quanto à Alameda de Palmeiras, que hoje forma um quadro integrante e magestoso, abrindo alas e prestando vassalagem ao Palácio, em 1870 ainda não estava plantada. Trouxe o Diretor da Colônia, Sr. Louis Niemeyer, em junho de 1867, quando de volta da sua estada no Rio de Janeiro, as sementes das palmeiras imperiais do Jardim Botânico. Em 1873, o Sr. Bruestlein mandou replantar as plantas já crescidas, em forma de alameda, defronte à sua casa.

O acontecimento mais importante do ano de 1871 consistiu na assinatura do nôvo contrato entre a Sociedade Colonizadora e o Govêrno Imperial, a 30 de dezembro. Com duração de 10 anos, o contrato estabelecia a introdução de 1000 colonos por ano e uma subvenção de 70 contos de réis. O relatório de 1871 acusa uma população de 6671 almas.

Nos primeiros dias de janeiro de 1872, entrou no pôrto de São Francisco um navio trazendo máquinas, caldeiras, tubos de cobre e outros aparelhos para instalar uma usina de açúcar no Domaine Pirabeiraba do Duque d'Aumale.

A 11 de março reuniram-se, pela primeira vez, os jurados, para abrir a sessão do Júri, sendo presidente do tribunal o Sr. José Maria do Valle.

Terminado o mandato, realizaram-se, a 7 e 8 de setembro de 1872, novas eleições para os cargos de Juizes de Paz e Vereadores. Desta vez, o partido conservador, orientado em Joinville pelo Dr. Ottokar Doerffel, obteve estrondosa desforra; diante da vitória dos conservadores, os liberais subscreveram um protesto contra a validade do pleito.

Em novembro de 1872, a Sociedade Colonizadora iniciou a venda dos primeiros lotes nas terras adquiridas do Governo Imperial, no planalto, em São Miguel. Êsses primeiros colonizadores tiveram de desistir: as terras não prestavam para a agricultura.

Assim, a Direção da Colônia demarcou novas áreas para a colonização no vale do Rio São Bento, distantes 15 quilômetros das terras inicialmente escolhidas.

A falta de terras disponíveis e prestáveis à agricultura, provocou sérios embarços à Direção da Colônia. Em dezembro a população elevou-se a 6.810 almas com a vinda de 7 navios da Europa.

Ante essa situação, a Direção tomou a iniciativa e despachou em setembro de 1873 os primeiros colonos para o local escolhido como futura colônia do planalto, ou seja nas margens do Rio São Bento. Assim, os primeiros 70 pioneiros - só homens - chegaram após dois dias de penosa viagem, transportando as suas ferramentas, sementes e mantimentos em lombo de burros, no local da futura colônia. Com a distribuição dos primeiros lotes, a 22 de setembro de 1873, fundou-se a «Colônia Agrícola São Bento». Com a mudança das mulheres e das famílias, em princípios de 1874, nasceu a nova colônia São Bento.

Nesse mesmo ano, a 28 de junho, faleceu o Diretor da Colônia Dona Francisca, Sr. Johann Otto Louis Niemeyer.

A 6 de julho de 1875, após uma viagem à Europa, assumiu o cargo de Diretor da Colônia, o Sr. Frederico Bruestlein, reunindo assim novamente os cargos administrativos da «Maison Orléans» e da Sociedade Colonizadora, em uma só pessoa. Iniciou-se com a sua atuação como Diretor, um nôvo capítulo na história de Joinville.

— A ADMINISTRAÇÃO DE F. BRUESTLEIN —

O dia 7 de dezembro de 1876 ficou gravado na história da Colônia com a visita do então Presidente da Província, Sr. Dr. Alfredo d'Escra-
gnolle Taunay, sua família e sua comitiva.

Sua Excia. foi festivamente recebido pela população e tomou residência na casa do Sr. Bruestlein, o hoje Palácio dos Príncipes. As casas da cidade foram embandeiradas e estouravam-se foguetes em sua honra. Visitou o ilustre político e defensor da colonização européia no Brasil, as instalações da usina de açúcar de Pirabeiraba e o local do nôvo empreendimento colonial nas terras dotais do Conde d'Eu, nas margens do Rio Itapocu.

Durante dois dias, S. Excia. percorreu a cavalo o vale do Rio Itapocu, acompanhado pelo Diretor Bruestlein.

Em princípios de 1877 começaram as explorações para o traçado da futura linha telegráfica, ligando Joinville à rêde Norte-Sul, via Morretes.

A 3 de maio de 1877, pela Lei Provincial N.º 842, a sede da Colônia Dona Francisca foi elevada à categoria de Cidade. Publicada a decisão no «Conservador» do Destêrro, o «Colonie-Zeitung» comenta o assunto com certa reserva, prevendo, em conjunto com essa honra, um possível aumento dos impostos - aliás, com justa razão.

Em junho, iniciaram-se os trabalhos preliminares para a instalação da rêde de água, ficando o nivelamento para o futuro encanamento do ribeirão «Reismuehlenbach», no Morro da Boa Vista, a cargo da comissão formada em 1870. Nesse mesmo mês, chegaram os primeiros carros de quatro rodas, carregados de erva-mate, do planalto. A viagem de 80 quilômetros na «Serra-Strasse» foi feita em um dia e meio.

O dia 2 de outubro de 1877, é significativo para a Imprensa de Joinville, com o aparecimento do primeiro jornal em português «A Gazeta de Joinville.»

A 31 de dezembro de 1877, a população da Colônia contava 9.298 almas.

Dos fatos ocorridos no ano de 1878, deve-se contar a aquisição do vapor «Vedette» pelo Sr. Bruestlein, na França.

Um veleiro, especialmente preparado para o transporte, trouxe o vaporzinho de 14,60 metros de comprimento, para o Rio de Janeiro. A 8 de novembro, o barco sob o comando do capitão Blome, realizou a façanha de chegar a São Francisco e Joinville a vela, pois a maquinária viera em separado, como carga. Iniciou o «Vedette», agora batizado «Babitonga», as suas viagens entre Joinville e São Francisco a partir de maio de 1879.

A 15 de abril de 1879 inaugurou-se, festivamente, a linha telegráfica de Joinville, abrindo uma nova era para o progresso da Colônia.

Veio, em 1879, um fator preponderantemente econômico, que acelerou o desenvolvimento comercial e industrial de Joinville: o comércio da erva-mate. Da exportação passou-se para a construção de engenhos e com a industrialização tornou-se Joinville centro industrial e comercial e a mais importante praça do produto no norte catarinense. Fundaram-se grandes estabelecimentos comerciais, sob orientação de brasileiros, que preponderaram na política local e da Província. Viera, assim, a Estrada da Serra - ou Estrada Dona Francisca - influir decididamente na criação da indústria erva-teira em Sta. Catarina.

Em janeiro de 1880 foi inaugurado um sistema de sinalização por meio de bandeiras brancas, no Morro da Boa Vista, para anunciar a chegada e partida de navios do pôrto de São

Francisco.

Em princípios de junho, iniciou as suas atividades uma «Empresa de Navegação a Vapor» sob a orientação do Sr. Frederico Bruestlein, para a exploração do transporte marítimo entre São Francisco e a Colônia.

Também em junho, no dia 8, lançou-se festivamente a pedra fundamental do prédio da «Escola Pública», edifício hoje ocupado pela Prefeitura Municipal.

Até 31 de dezembro de 1880 haviam entrado no pôrto de São Francisco 7 vapores de Hamburgo com 893 passageiros para a Colônia. No seu Relatório o Sr. Bruestlein fêz um quadro realístico da Colônia: «Fábricas verdadeiras há poucas. O principal estabelecimento é a usina de açúcar de Pirabeiraba com 3 caldeiras a vapor para fabricação de 400 hectolitros de caldo por dia. Tem mais 8 fábricas para beneficiamento da erva-mate, 3 em Joinville, movidas a vapor e 5 na Estrada Dona Francisca, movidas a água. Além disto há em Joinville uma fábrica de beneficiar arroz e uma fábrica de móveis e uma grande quantidade de pequenas indústrias, serrarias, moinhos etc.»

Em maio de 1881, o Presidente da Província, Dr. João Rodrigues Chaves, visitou a Colônia e, em fins de julho, o correspondente do «Koelnische Zeitung», Sr. Hugo Zoeller percorreu a zona rural e São Bento, onde permaneceu por duas semanas. As suas impressões fazem parte da obra publicada em 1883.

Nesse mesmo ano de 1881 inaugurou-se a primeira linha de diligências entre Joinville e São Bento.

Em dezembro inaugurou-se a primeira indústria têxtil em Joinville. O imigrante Carl Gottlieb Doehler estabeleceu-se com um pequeno tear, feito à mão.

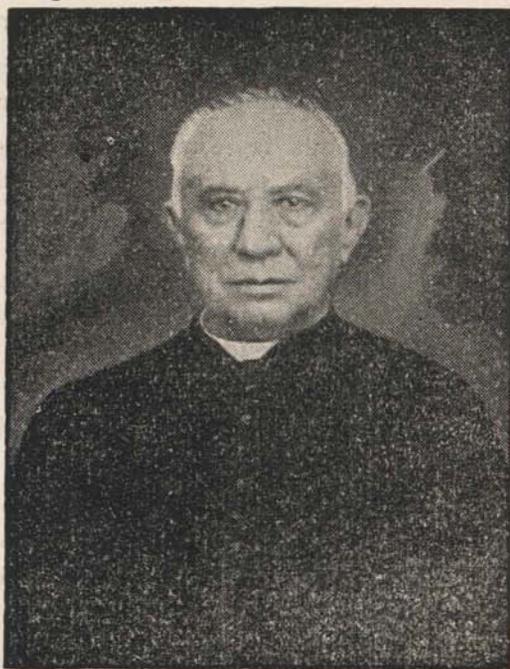
Entraram na Colônia, em 1881, 754 imigrantes. A população do Município estimava-se em 19.445 almas.

Em 31 de março de 1882, venceu-se o contrato entre a Sociedade e o Govêrno. O diretor Bruestlein estêve por duas vêzes no Rio de Janeiro e, em dezembro, viajou à Europa para conferenciar com o Príncipe de Joinville e a Diretoria da Sociedade Colonizadora em Hamburgo. Finalmente, o contrato foi renovado, terminando assim o período de incerteza sôbre o destino da Colônia Dona Francisca. Em Joinville festejou-se o acontecimento com salvas e um cortejo com música.



Johann Otto Niemeyer, 1825 • 1873.

Diretor da Colônia: 1860 • 1873



Rev. Carl Boegershausen,

1833 • 1906

Vigário em Joinville:

1857 - 1906

A 18 de abril de 1883, a Câmara Municipal recebeu telegrama da Capital, anunciando a elevação do termo de Joinville a Comarca. Ao mesmo tempo eram anexadas ao Município as terras dotais do Conde d'Eu no Itapocu, formando, assim, parte da Comarca de Joinville.

A 3 de outubro, e com o 7.º ano de sua existência, deixou de existir a «Gazeta de Joinville», por motivos econômicos. Dois dias depois, aglomerou-se grande multidão no pôrto de Joinville e no «Cais Bruestlein», para assistir ao lançamento do primeiro vapor construído nos estaleiros do Sr. Bruestlein, o «Dona Francisca», uma embarcação com máquina de 25 cavalos de fôrça.

Em fins de setembro efetuou-se outra eleição, a fim de eleger um deputado à Assembléia Provincial. Obtiveram os Srs. Bruestlein 74 e o Dr. Abdon Baptista 26 votos. Aparece pela primeira vez no palco político joinvillense o nome de Abdon Baptista, médico em São Francisco, que fixara residênciã em Joinville como negociante, e que, por quase 40 anos, preencheria um papel preponderante na vida econômica, política e social da cidade.

Em princípios de 1884, a Câmara Municipal resolveu construir o Cais nas margens do Rio Cachoeira, em prolongamento do desembarcadouro já construído pelo Sr. Bruestlein.

A 9 de março de 1884, surgiu «O Globo», em formato pequeno, sendo seu proprietário o Sr. Moreira da Silva Reis.

Grandes festejos foram programados para a visita de Sua Alteza Real, o Conde d'Eu, a 12 de dezembro. Chegou Sua Alteza a São Bento, vindo de Curitiba e Rio Negro, seguindo viagem pela Estrada da Serra. Formou-se um préstito de mais de 20 carruagens, tôdas enfeitadas e ornadas com fôlhas de palmeiras, conduzindo o ilustre visitante até o Palácio do Príncipe, onde fixou residênciã durante a sua estada na Colônciã. Permaneceu Sua Alteza três dias em Joinville.

A estatística do ano de 1884 acusa a entrada de 499 imigrantes.

Um dos principais acontecimentos de 1885 foi a instalação da rêde de água. Custaram os caros de ferro fundido aos cofres da Câmara Municipal a importância de 6:970\$051, inclusive o transporte da Alemanha e direitos alfandegários.

A 2 de outubro realizaram-se as eleições para deputados à Assembléia Provincial, obtendo o Sr. Hermann Lepper,

com 186 votos, a vitória.

Vieram nesse ano 8 vapores da Europa, trazendo 784 imigrantes. O total da população foi estimado em 24.100 almas.

A 15 de janeiro de 1886 o conservador Alfredo d'Escra-
gnolle Taunay saíu vencedor nas eleições para Deputado à Côrte.

Nesse mesmo ano, fundou-se em Joinville o «Clube Re-
publicano» como principal foco das novas idéias democráticas.
Foi seu primeiro presidente o Sr. Victorino Bacellar.

O contrato entre a Sociedade Colonizadora e o Govêr-
no Imperial foi prolongado por mais 5 anos. A Sociedade ini-
ciou a colonização das terras dotais do Conde d'Eu, no vale do
Rio Itapocu.

Em janeiro de 1887, tomou posse a nova Câmara Mu-
nicipal, sendo eleito presidente o Sr. Frederico Bruestlein.

Veio, a 13 de maio de 1888, a Lei da abolição dos es-
cravos. Na noite do dia 15, sob chuvisco e tempo nublado, per-
correram a cidade de Joinville os negros e mulatos, moradores da
redondeza, soltando foguetes e bombas, manifestando a sua ale-
gria e dando vivas à Princesa Isabel e ao Conselheiro Antônio
Prado.

Começou o ano de 1889 com notícias alarmantes de mo-
vimentos políticos no Rio de Janeiro. Vieram, então, os dias
identificados com as instituições democráticas proclamadas a 15 de
novembro.

Manoel Correa de Freitas e Alfredo Esteves foram os
iniciadores do partido Republicano em Joinville. Em São Bento,
o partido tinha Líbero Guimarães, Mário e Octavio Lôbo, Mal-
schizky, Dr. Phillip M. Wolff e tantos outros que constituíam
quase a maioria absoluta do eleitorado.

Chegou o primeiro telegrama do Destêrro, a 17 de no-
vembro, com a notícia da proclamação da República. Terminou,
assim, a Monarquia no Brasil.

EMANCIPAÇÃO - 1890 - 1900

Começou o ano de 1890 com a dissolução da Câmara
Municipal de Joinville. O Sr. Frederico Bruestlein, que já em
meados de 1889 retirou-se das atividades de Diretor da Colônia
Dona Francisca, foi demitido da presidência da Câmara Muni-
cipal, em sessão extraordinária, de 15 de janeiro.

Em setembro ocorreram as primeiras eleições, vencendo, como era de esperar-se os candidatos do Partido Republicano. Para Deputados os contemplados foram o Dr. Lauro Müller, Felipe Schmidt e Dr. Coutinho Campos.

Nesse mesmo ano, fundou-se a «Sociedade Industrial Catarinense.» Largamente beneficiada sob a forma de isenção de impostos e tributos estaduais, eram os seus principais acionistas os Srs. Ernest Canac, Abdon Baptista e Procópio Gomes d'Oliveira. Tornou-se o empreendimento comercial um dos maiores fatores financeiros (e políticos) do Norte-Catarinense.

Em janeiro de 1881, começaram as atividades políticas e a campanha eleitoral tomou vulto com polêmicas publicadas na imprensa local. Venceu o Partido Republicano com Ernest Canac e João Paulo Schmalz. Nesse mesmo ano inaugurou-se a primeira Agência Bancária em Joinville, sob a direção do Sr. Canac - o Banco Industrial e Construtor do Paraná.

A 4 de julho irrompeu no estabelecimento comercial da firma Trinks um incêndio. Formando filas, a população fêz correr baldes de água de mão em mão. O prejuízo foi considerável.

Formou-se em seguida uma comissão para angariar os meios financeiros para adquirir uma bomba e demais apetrechos para o combate de incêndios.

A 19 de janeiro de 1892 foi nomeada pelo Govêrno Federal a nova Intendência Municipal de Joinville com o presidente Sr. Abdon Baptista e Conselheiros (hoje vereadores) Srs. Antônio Ribeiro, H. Haensch, H. Walter, J. Schroeder, João Colin, Gottlieb Stein, H. Stoetterau e B. Bemba.

A falta de moedas divisionárias em Joinville criou sério problema para o comércio. Assim os negociantes passaram a imprimir pequenos vales de papelão. Em edital o «Comissário de Polícia», Sr. A. Grossenbacher, publicou a proibição de tais vales «sob pena de multa».

Pela primeira vez a febre amarela invadiu Joinville nesse ano de 1892, fazendo vítimas entre a população no pôrto, ficando interrompida tôda a comunicação com São Francisco, devido a quarentena rigorosamente observada.

Na noite de 23 de junho, irrompeu um pavoroso incêndio, destruindo o estabelecimento e a residência do honrado cidadão Henrique Walther. Já seis dias depois, no Salão Berner, reuniram-se pela primeira vez os membros de uma comis-

são para criar um «Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville».

Enquanto se discutiam os assuntos ligados ao Corpo de Bombeiros, irrompeu na noite de 15 de julho um incêndio a bordo do vapor «Babitonga», avariando a máquina e o casco.

Nos primeiros dias de 1893, assumiu o cargo de Agente do Correio o Sr. Eugênio Schmidt, substituindo o Sr. H. Jordan.

Ao mesmo tempo, chegam as primeiras notícias alarmantes da guerra civil no Rio Grande do Sul entre Republicanos e Federalistas. No meio desses acontecimentos, chega a primeira diligência da empresa do Sr. Monich, em viagem direta de Curitiba a Joinville. A 3 de setembro, os Bombeiros Voluntários realizaram o seu primeiro exercício «com Cinto e Capacete», sob comando do Sr. Heinzelmann.

Dois dias depois, a 5 de setembro, rebentou no porto do Rio de Janeiro a revolta da esquadra. Interrompeu-se a comunicação telegráfica, e Joinville ficou durante um mês completamente isolada do resto do mundo.

Correram boatos e rumores sobre dois navios de guerra ancorados no porto de São Francisco. Com efeito, os dois navios insubordinados, «O República» e o navio frigorífico «Pallas», desembarcaram um contingente de marinheiros, que se apoderaram da Estação Telegráfica de Joinville, linha principal da comunicação norte-sul.

Sem mala postal e sem telégrafo, Joinville ficou à margem dos acontecimentos da Revolução. A 2 de novembro desembarcaram no porto de Joinville uns 120 homens, fortemente armados, sob o comando do General Piragibe. Os Bombeiros e Atiradores de Joinville foram alertados e começaram um serviço de patrulhamento. Em dias de maior movimento de tropas, a guarda de segurança, composta de 57 bombeiros e 28 atiradores, formava uma proteção segura contra as tropas e vanguardas do General Gumercindo Saraiva. Em dezembro, passaram por Joinville o General e seu irmão Aparicio, com o grosso do exército revolucionário, requisitando os carros e cavalos dos colonos para transporte de munição e equipamento bélico em direção a Curitiba.

Terminou para Joinville a revolução com o primeiro telegrama recebido, a 25 de abril de 1894, comunicando a reabertura da rede telegráfica «para todos os pontos da União».



Engenheiro Karl August Wunderwald com seus companheiros Werner Reikes, Heusy, Schimming e Gilsen em 1866.

A 28 de setembro, tomou posse o novo Governador eleito, Sr. Dr. Hercílio da Luz e como deputados os Srs. Lauro Müller, Felipe Schmidt e outros.

As quatro horas da manhã do dia 11 de fevereiro de 1895, os Bombeiros Voluntários foram alarmados pelo primeiro incêndio, irrompido na casa comercial do Sr. Carlos Schneider, na Rua do Príncipe. Conseguindo apagar as chamas, ficou demonstrada a eficiência da organização.

Em abril ocorreram as eleições para a Câmara Municipal, sendo votados o Sr. Frederico Bruestlein para Superintendente (Prefeito) e os Srs. Pedro Lôbo, Canac, Boehm, Lepper, Kohlbach, Vogelsänger e Haensch para Vereadores,

Em junho, a construção da primeira ponte de pedra sobre o Ribeirão Matías, na Rua do Príncipe, interdita todo o tráfego nessa artéria principal, durante semanas. Saiu a lume, a 1.º de julho o «Joinvillenser Zeitung».

Entre o Governo Estadual e o novo representante da Sociedade Colonizadora, Sr. Carl Fabri, firmou-se a 28 de maio de 1895 um contrato que estabelecia a cessão de 650 mil hectares de terras devolutas para a introdução de colonos, estabelecendo a base para a imigração em larga escala.

Começou o ano de 1896 com o aumento brusco dos impostos municipais, que provocou o mais forte protesto, principalmente da população rural. Em fevereiro, o «Clube União Joinvillense» fundado a 22 de janeiro, inaugurou a sua sede na casa do Sr. Klein, na Rua do Príncipe, antecessor do «Clube Joinville».

Como acontecimento de importância do ano de 1896, devemos assinalar a ligação telegráfica entre Joinville e São Bento, inaugurada nos primeiros dias de 1897.

Em fevereiro de 1897 foi contratado pela Câmara Municipal de Joinville o engenheiro Probst, representante da firma Siemens & Halske de Berlim, como concessionária da iluminação elétrica das ruas e estabelecimentos públicos de Joinville, pelo prazo de 50 anos. Na mesma sessão estabeleceu-se a construção de latrinas no perímetro urbano da cidade, «de maneira que seja absolutamente evitada a infecção e mau cheiro». Cada morador será obrigado a adquirir tinas impermeáveis e portáteis e munidas de tampas. O Conselho Municipal lançará um imposto módico para a remoção.

Em Hamburgo, a 30 de março de 1897, constituiu-se a «Hanseatische Kolonisations-Gesellschaft», substituindo a velha Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, que durante 48 anos dirigiu os destinos de milhares de imigrantes europeus na Colônia Dona Francisca.

Foi eleito como Diretor da «Hanseática», como foi chamada vulgarmente, o Sr. Carl Fabri, em Hamburgo. No Brasil foi escolhido como procurador o Sr. A. W. Sellin, que chegou na Colônia a 19 de agosto de 1897. Em seguida, a nova Companhia transferiu a sua sede de Joinville para a «Hansa», iniciando a colonização das áreas do Rio Hercílio, Itapocu e São Bento.

No mesmo ano de 1897, sob a direção do Intendente Municipal, Sr. Frederico Bruestlein, iniciaram-se as obras da construção do Caes no pôrto de Joinville e sob orientação de uma «Sociedade de Embellezamento de Joinville» remodelou-se a antiga praça «do Mercado» em jardim público (hoje Praça Lauro Müller e Biblioteca Municipal.)

Em princípios de 1898, ocorreram as eleições para Presidente da República, com a vitória do Dr. Campos Salles. Alguns dias depois a 26 de março, faleceu na França a Princesa Dona Francisca. A sua filha, Princesa Dona Francisca Maria Amalia, casada com o seu primo, Duque de Chartres, e seu filho Príncipe Pedro Filipe, Duque de Panthièvre, tornaram-se proprietários do «Domaine Pirabeiraba» e «Domaine Dona Francisca». Visitou Joinville, a 18 de junho, o Governador Hercílio da Luz.

Neste mesmo ano em 1898 levantou-se mais um empréstimo para as obras do cais, e o prolongamento do encanamento de água. E ainda na administração do Sr. Bruestlein, concluiu-se a obra do edifício da Escola Pública, iniciada em 1879 e hoje prédio de Prefeitura Municipal.

Em fins de 1898 ocorreram as eleições para nôvo Superintendente Municipal, Vereadores e Juizes de Paz.

A 7 de janeiro de 1899, tomou posse a nova Câmara Municipal e o Superintendente eleito, Sr. Gustav Adolph Richlin. Uma das primeiras resoluções consistiu na criação do Orfanato e Asilo Municipal, e na aplicação da verba de 1.500\$000 para a iluminação pública da cidade, feita por lampeões a querosene, com postes de madeira.

Em setembro fundou-se uma sociedade, formada de um conjunto de músicos do antigo «Musikverein» e «Dilettanten Verein» (Sociedade Musical e Teatral). A nova organização cultural recebera o nome de «Lyra» e tinha 14 membros ativos, formando uma Orquestra Sinfônica. Em fins de 1899, no dia 26 de novembro, inaugurou-se o prédio da Sociedade Ginástica, com amplo salão e dependências sociais. Nos últimos dias do ano realizaram-se as eleições para Senadores e Deputados Estaduais. Obteve esmagadora vitória o Sr. Dr. Lauro Müller como Senador.

Grandes festejos ocorreram no dia 3 de maio de 1900, em comemoração ao descobrimento do Brasil, e, em agosto de 1900, o Superintendente G. A. Richlin convocou uma comissão para iniciar os preparativos da comemoração do cinquentenário da fundação da Colônia Dona Francisca. Apesar da antecedência dos preparativos, os festejos foram transferidos para o dia 28 de abril de 1901.

Termina, aqui, a história de Joinville colonial com o início do novo século. A transformação de Colônia Agrícola em cidade com parque industrial e progressiva decadência da primeira, efetuou-se lentamente e, em intervalos prolongados, desde 1877, quando a Estrada da Serra permitiu o primeiro intercâmbio comercial da erva-mate entre o planalto e a Colônia.

Em 1900, a população do Município alcançava o número de 19.847 habitantes. A vida tipicamente colonial atinge o seu opogeu e uma nova fase de sua existência começou com a emancipação comercial e industrial.



—BLUMENAU EM CADERNOS—

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— *Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000* —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

HOTEL REX

BLUMENAU

SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo o conforto

A presente edição de «Blumenau em Cadernos» deve a sua publicação à gentileza das seguintes firmas que, por intermédio da respectiva Comissão do Lions Clube Blumenau-Centro, contribuíram para o montante das respectivas despesas:

**TIPOGRAFIA E
LIVRARIA
BLUMENAUENSE S/A.**

CASA PEITER S/A. COMERCIAL

MALHARIA BLUMENAU S/A.

FERRAGENS BRUECKHEIMER

IRACY SILVA & CIA. LTDA.



François - Ferdinand - Philippe. Prince de Joinville
1818 - 1900